

Breve introdução a antropologia filosófica de Georges Bataille

Brief introduction to the philosophical anthropology of Georges Bataille

Ulisses Alberto Pereira

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do ABC (UFABC)

ulisses.alberto@ufabc.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/0268662904612493>

Resumo

O objetivo geral deste artigo é compreender o conceito de erotismo e seu respectivo direcionamento aos estados de êxtase no pensamento de Georges Bataille. Partiremos da análise da antropogênese do autor para compreendermos a formação da figura humana a partir de sua animalidade (incluindo a criação das ferramentas, a formação de uma comunidade, a criação dos interditos e a transgressão), a fim de compreendermos como o homem consegue acessar o estado de desordem na qual o êxtase tem um papel primordial. Em suma, trata-se de estudar as possíveis relações entre os conceitos de erotismo e êxtase inseridos dentro da antropologia filosófica proposta pelo autor.

Palavras-chave: Antropologia filosófica. Erotismo. Êxtase. Georges Bataille.

Abstract

The general objective of this article is to understand the concepts of eroticism and their respective directions to states of ecstasy in Georges Bataille's thought. We will start from the analysis of the author's anthropogenesis to understand the formation of the human figure from its animality (including the creation of tools, the formation of a community, the creation of interdicts and transgression), in order to understand how man can access the state of disorder in which ecstasy plays a primary role. In short, it is about studying the possible relationships between the concepts of eroticism and ecstasy inserted within the philosophical anthropology proposed by the author.

Keywords: Eroticism. Ecstasy. Georges Bataille. Philosophical anthropology.



O rompimento com a continuidade

Para Georges Bataille (BATAILLE, *O erotismo*, 2013) existe uma continuidade da qual anteriormente os homens estavam inseridos. Entretanto, em um determinado momento os homens foram apartados do fio que os interligava com o mundo, tornando-os seres descontínuos. Mesmo assim, resiste na espécie humana uma nostalgia desse fluxo contínuo onde havia uma comunicação integral, uma ligação entre tudo e todos dentro de um mundo imanente e desordenado, sem identidade própria. Embora esta nostalgia esteja encerrada dentro do homem, a ideia de continuidade nos escapa, pois vivemos partidos dentro de um mundo descontínuo.

Todos os esforços e construções que nos fazem homens são reflexos da vontade de ir ao encontro a essa ideia de continuidade que nos possibilita entrar em contato com a natureza imanente (BATAILLE, *Teoria da religião*, 2016b). Todavia, há duas formas que, unidas, podem redirecionar o homem para essa desordem: o erotismo e a morte. O erotismo, inicialmente, é uma ferida no mundo racional que permite o contato com esta desordem há muito tempo perdida. A morte, por sua vez, é a forma com a qual essa ferida pode ser aberta e que nos possibilita a união à desordem extática.

A introdução do homem ao erotismo ocorre na realidade da morte que é apreendida pelo homem primitivo. O erotismo logo assume o papel decisório de abrir uma distância entre a espécie humana e as demais espécies de animais. A união entre o erotismo e a morte, por meio de práticas eróticas, abre a possibilidade para que o homem entre em contato com o êxtase. O êxtase é a comunicação que nasce dessa união e, ao mesmo tempo, é a responsável por romper com todos os limites. Já o erotismo, assim como a morte, é uma potência que transgride o cálculo racional e os interditos criados e instaura um tumulto no mundo das coisas ordenadas pela razão no qual os indivíduos estão inseridos. O erotismo desperta a partir de uma pulsão enraizada, que busca sua liberação frente ao mundo e reintroduz o êxtase e a desordem na vida dos homens.

Para o autor, o planeta era um sistema orgânico e contínuo onde toda a vida estava interligada: os animais estavam "no mundo como a água no interior da água" (BATAILLE, 2016b, p. 24) e segue a corrente proposta pela Natureza. A espécie humana estava integrada com o planeta e se mostrava em unidade com a existência. O instante era o mais importante: a necessidade seguida de sua supressão, a violência respondida pela violência. Toda potência gerada pela vida era imanente, os seres eram contínuos, interligados entre si e com o ambiente que os contornava.

A existência contínua, original, nos fazia pertencer a algo comum a todos os seres vivos. A continuidade era a responsável pela comunicação que unia o indivíduo com o todo, com a



imanência do mundo. Este é o sentido de se estar no mar como uma de suas incontáveis ondas que o formam, pois enquanto ainda não havia plena consciência de si, havia apenas desejos que precisavam ser atendidos, necessidades que precisavam ser apaziguadas, excessos que precisavam ser externalizados. Em suma, apenas o imediato e o que acontecia no presente.

Todavia, o homem rompeu com a continuidade na qual estava inserido, tornando-se um ser descontínuo. Isso decorreu a partir do que Bataille nomeia de processo de hominização. Em ensaios como *O erotismo* (2013) e *Teoria da religião* (2016), Bataille apresenta um esquema em que o animal é separado de sua animalidade em um movimento que tende a se humanizar através de atividades e práticas laborais; e, também, através de uma nova capacidade adquirida, que o possibilita negar a natureza que busca satisfação imediata de seus impulsos através da criação de interditos.

O processo de hominização

O animal, em seu processo de hominização, utiliza-se da ferramenta como extensão de si mesmo e, com isso, pôde manipular determinados aspectos da natureza em benefício próprio, criando, por exemplo, práticas laborais que o auxiliaram em sua subsistência. Foi o trabalho que fez com que o animal-homem pudesse se particularizar e se diferenciar dos outros animais. E, ao organizar uma comunidade em torno de suas diligências, fora obrigado a criar determinados meios de controle de seus impulsos de forma que não atrapalhasse o desempenho de suas atividades agrícolas e de caça dentro de sua comunidade.

A participação do homem no mundo é dada através da ferramenta que opera e faz interações diretas com os elementos que a cercam: “A fabricação de ferramentas e as operações implicadas no trabalho são, com efeito, para Bataille, fator decisivo na configuração de um mundo que rompe com a paisagem animal” (TEIXEIRA, *Gênese e irresolução de um animal humanizado*, 2015). Embora esses mesmos elementos ainda estejam longe de serem totalmente subordinados a ele, é através da ferramenta que há participação e, até certo ponto, a capacidade de modificar os elementos exteriores em que o homem se encontra presente.

A partir dessas novas formas de se relacionar com o mundo por meio de suas ferramentas e atividades ligadas a elas, o homem começou a pensar em formas de se preservar, criando interditos (proibições), principalmente para a morte e para as suas atividades sexuais. Com isso, criou regras que estabeleceram o que o autor chama de a elaboração do mundo profano: um mundo material,



regido por uma ordem racional e pelas atividades de um determinado grupo de pessoas com ênfase em atividades de manutenção.

No processo da hominização (*Menschwerdung*), os seres que saem do contexto da vida animal se constituem como sujeitos não só pelo trabalho, mas também pelas proibições. Os homens distinguem-se dos animais pelo fato de que sua vida pulsional está submetida a restrições. Co-originárias com o trabalho, surgem a vergonha sexual e a consciência da mortalidade. Os ritos fúnebres, o aparecimento das vestimentas e o tabu do incesto mostram que os tabus mais antigos se referem ao corpo humano e a sexualidade - ao corpo morto e ao corpo nu (HABERMAS, *O discurso da modernidade filosófica*, 2000, p. 323-324).

A morte e a sexualidade tornam-se tabu, pois são relacionadas ao excesso que o indivíduo possui em sua natureza. As normas criadas e estabelecidas nesse período pretendem "assegurar a plenitude da vida e a continuidade de seu ser, à medida que devora as existências individualizadas" (HABERMAS, 2000, p. 324). As normas funcionam como uma alavanca que possibilita o indivíduo ir contra a sua própria natureza e permanecer vivo dentro de uma determinada comunidade. No entanto, é através desse processo de hominização que o homem pôde romper com o seu passado animal, ao buscar formas imediatas de suprimir seus desejos através do que Bataille denomina de cálculo racional.

Após a criação das ferramentas, o homem esteve imerso no mundo do trabalho e em suas práticas laborais. Entretanto, o trabalho em si não foi capaz de suprir todas as necessidades subjetivas do homem, ao menos não de forma integral. Mesmo que o homem tenha construído a base da vida no qual se insere, existe encerrado dentro dele uma necessidade de exceder a si próprio assim como a seus próprios limites. Há um impulso que revela os aspectos mais primitivos, que não são mais só as necessidades de subsistir, mas um impulso que tenta se adequar àquilo que chamamos de interditos (regras), impostos por um determinado grupo de pessoas reunidas em forma de comunidade para que possam sobreviver.

O cálculo racional surge como uma forma de redirecionar a energia excedente para a possibilidade de novas conquistas ao determinar "um emprego racional das forças para o aumento constante da potência" (BATAILLE, 2016b, p. 53). Nesse sentido, a potência pode ser compreendida como o excesso de violência que guiava o animal e, através do cálculo racional, pôde ser desviada para um fim real que buscasse rendimentos iguais ou superiores de energia excedente que pudessem ser gastos. Essa comunidade arcaica na qual o homem estava antes inserido buscava, por meio dessa energia excedente, construir novas formas de subsistência através do trabalho



auxiliado pelas ferramentas que buscavam utilizar o emprego de sua força para o engrandecimento de sua comunidade.

Esse engrandecimento, por sua vez, possibilitou a esses indivíduos reunidos uma melhor forma de sobreviver em um mundo regido pela violência da natureza. Essa mesma sociedade, forjada por meio de conquistas realizadas através de práticas laborais, torna-se uma coisa. E como coisa, está subordinada à ordem real e é estabelecida e administrada por meio do poder da razão.

A comunidade, como construção humana, mantém-se através de conquistas a serem realizadas a todo momento e não podem mais ser interpretadas como algo isolado e individual que procura manter formas de sobrevivência enquanto uma pequena sociedade. Este grupo de homens, nesse momento, torna-se uma comunidade de cunho universal, que rejeita as individualizações e as devora, incorporando-as em si mesmas e transformando-as em extensões de sua própria razão. A comunidade assume o papel soberano de limitar e controlar os indivíduos que a compõem, no intuito de preservar e manter a estabilidade da ordem das coisas utilizando-se de interditos direcionados a todo o grupo e mantendo, assim, em sua interioridade, a ordem das coisas.

Essas ações são promovidas através da própria razão pré-estabelecida e mantêm a energia que antes era externalizada para fora, segura dentro de determinados interditos impostos. A ideia de direito que opera dentro da comunidade constitui laços e obrigações entre os homens e as coisas, que são submetidos a uma força pública, que faz valer um determinado conjunto de regras de valor moral e estabelece normas com o intuito de controlar a energia interna dos homens que constituem essa comunidade.

Segundo Bataille, "o direito e a moral têm igualmente seu lugar [...] na medida em que definem uma necessidade universal da relação de cada coisa com outras" (BATAILLE, 2016b, p. 54). Entretanto, essas regras de valor moral só são efetivas dentro dos muros dessa comunidade. O *outro* que, violado por meio de uma força exterior a ele mesmo promovida por essa comunidade, é conquistado enquanto tem a sua individualidade cerceada, uma vez que o sentido de igualdade dentro de uma comunidade só é aceito entre seus pares, enquanto os *outros* não são considerados como iguais, sendo transformados em coisas enquanto submetidos à força pública e escravizados.

A mudança que ocorre no pensamento humano, enquanto inserido nessa comunidade, opera uma mudança decisiva: o homem agora reflete sobre suas ações e as relações de ordem através de normas que orientam as relações entre seus pares e a forma com a qual devem se portar e conviver com o outro, pois



[...] o pensamento refletido define as regras morais, enuncia relações universalmente obrigatórias entre os indivíduos e a sociedade ou para os indivíduos entre si. Essencialmente, essas relações obrigatórias são aquelas que garantem a ordem das coisas (BATAILLE, 2016b, p. 55).

Nesse sentido, a moral tem um papel decisivo dentro de uma sociedade. A moral não aceita mais os interditos criados por uma ordem individual, pois reconhece apenas o valor de um interdito que possa ser universal e que valha para todos. Essas novas normas morais são estabelecidas por meio da razão, que as ordena às coisas ligadas ao mundo material. Nesse sentido, a moral estabelecida condena a angústia individual e os consumos inúteis de energia sem um fim determinado.

O interdito e a transgressão

Os homens tentaram, através dos interditos, determinar um limite à energia excedente que direcionam os animais em vida. Através do trabalho, os indivíduos puderam evoluir como homens e como sociedade, indo em direção oposta à natureza de seu passado.

A atitude angustiada que fundou os interditos opunha a recusa - o recuo - dos primeiros homens ao movimento cego da vida. Os primeiros homens, a consciência despertada pelo trabalho, se sentiram desconfortáveis diante de um movimento vertiginoso: renovação incessante, exigência de morte incessante. Considerada em seu conjunto, a vida é um imenso movimento que a reprodução e a morte compõem. A vida não cessando de engendrar, mas para aniquilar o que engendra. Os primeiros homens tiveram o sentimento confuso disso. Opuseram à morte e à vertigem da reprodução a recusa apresentada pelos interditos. Mas jamais se fecharam na recusa; ou antes, se fecharam para dela sair o mais rápido possível: e saíram da mesma maneira que entraram, bruscamente resolutos. A angústia, ao que parece, constitui a humanidade: não a angústia unicamente, mas a angústia superada, a superação da angústia. A vida é em sua essência um excesso, a vida é prodigalidade da vida. Sem limites, esgota suas forças e seus recursos; sem limites, aniquila aquilo que criou. A multidão de seres vivos é passiva nesse momento. No extremo, todavia, queremos resolutamente o que coloca nossa vida em perigo. (BATAILLE, 2013, p. 110).

Ao criar os interditos, o homem procurou separar-se de sua condição animal, ou seja, buscava separar-se da imediatez, de todos os excessos e de toda a energia que direcionava sua vida. Mas enquanto criava seus interditos, percebeu que o movimento da transgressão surgido no mesmo instante em que erguia suas proibições, o levava de volta à animalidade. Percebeu que a animalidade não compreende o interdito, que toda sua imediatez, excesso e energia escapam às regras que regem a vida de uma determinada sociedade.



A razão nasce dessa subordinação do homem perante a realidade, pois, enquanto a razão assume a forma universal da coisa, também a coloca em prática por meio de ações. Essas ações, por sua vez, enquanto refletidas, buscam através da união moral a preservação do homem e da ordem. O homem agora não só racionaliza, como também moraliza a figura dos indivíduos. Nessa operação, o homem concebe sua comunidade que é pensada de forma refletida e moralmente. Se antes o homem era uma continuação de seus próprios desejos, agora o mesmo é compreendido como extensão da realidade subordinada ao cálculo racional.

É nesse sentido que a criação dos interditos teve como principal utilidade a criação de barreiras com as quais o homem possa subsistir em uma determinada comunidade sem que seus impulsos possam destruí-las. A prática laboral cumpre com o papel de criar limites ao homem e o ajuda a criar vínculos dentro de uma comunidade que está empregando seu tempo em executar tarefas. Isso permite a exclusão, ainda que de maneira temporária, da violência ligada aos seus impulsos. Mas, ao mesmo tempo em que o homem levanta seus interditos, surge a transgressão:

O mecanismo da transgressão aparece nesse desencadeamento da violência. O homem quis, acreditou dominar a natureza, opondo-lhe geralmente a recusa do interdito. Limitando em si mesmo o movimento da violência, pensou limitá-lo ao mesmo tempo na ordem real. Mas se percebia a ineficácia da barreira que tentara oferecer à violência, os limites que ele mesmo pretendia observar perdiam o sentido que tinham para ele: suas impulsões contidas desencadeavam, desde então matava livremente, parava de moderar sua exuberância sexual e não temia mais fazer em público e sem freio o que até então só fazia discretamente. Uma barreira incapaz de proteger os [homens dos] excessos que não cessam de colocar em perigo a ordem social (BATAILLE, 2013, p. 91)

De acordo com Bataille (BATAILLE, 2013), a transgressão é, ao mesmo tempo, uma força primitiva e racional, visto que ela nasce do aspecto racional do homem; homem esse dotado de razão que se utiliza da transgressão como um movimento de destruição contra um determinado interdito. A transgressão só existe como complemento do interdito, pois um não pode existir sem o outro. Seu desenvolvimento ocorre de forma constante, ultrapassando nosso cálculo racional, tornando-se legítimo sob a sensibilidade humana, visto que "essencialmente, a violência humana é o efeito não de um cálculo, mas de estados sensíveis: a cólera, o medo, o desejo" (BATAILLE, 2013, p. 88). O interdito, por sua vez, está intimamente ligado à sua transgressão. Essa transgressão é a força motriz, aliada ao interdito, que modificou e estruturou a vida social.

Entretanto, mesmo em meio a todo esse processo que o homem construiu para se distanciar de sua própria animalidade, ele ainda possui a necessidade de se exceder a si mesmo e a seus próprios limites. Essa transgressão desvela os aspectos mais primitivos no homem; enquanto busca,



a todo momento escapar ao que fora estabelecido, aos interditos construídos, pendendo à sua destruição. Ao escapar dessa construção racional que redireciona a energia excedente para algo construtivo, a violência primitiva torna-se uma transgressão direcionada para a destruição desse limite imposto, ultrapassando, pois, as regras formalizadas entre os membros da comunidade — que não podem mais ser totalmente controlados.

O desejo que o erotismo revela em nós tem o poder de sobrepujar os temores de um mundo regulado pelos interditos, enquanto insere a transgressão em um plano real que busca aniquilar o tempo imediato e o cálculo racional imposto pelo homem a si mesmo. O erotismo nos deixa, assim, "uma vontade de atingir o segredo do ser pela violência" (BATAILLE, 2013, p. 115). Embora não possamos nos desligar deste mundo construído através de um cálculo racional, a desordem que o erotismo revela perturba a nossa existência, pois é através do erotismo que nos é possível aniquilar essa realidade ordenada.

A violência desse desejo nos leva a abandonar os limites da razão, enquanto a nossa natureza está voltada a esse fim. O fim corresponde à atividade do erotismo em suas múltiplas formas: o erotismo do corpo, o erotismo do coração e, por último, o erotismo sagrado. A práticas eróticas visam a desordem do mundo racional e o excesso de loucura contido em meio aos interditos reguladores. Essa desordem tem como fim a experimentação das pequenas mortes, do gozo, que nos afasta da realidade e abre a ferida que nos aproxima do êxtase – essas pequenas mortes nos aproximam do "antegosto da morte final" (BATAILLE, *As lágrimas de Eros*, 1984, p. 4).

O mundo do trabalho e da razão é a base da vida humana, mas o trabalho não nos absorve inteiramente. Essa força não é mais uma violência natural, mas uma violência instituída através de um ser de razão. Ele, que tentou obedecer, mas sucumbiu ao movimento que ele mesmo não pôde reduzir a razão. Mesmo que a vida social necessite voltar-se à uma atividade de subsistência e às práticas laborais para garantir uma vida material plena, não podemos nos reduzir a meros instrumentos direcionados à nossa própria preservação, ou seja, a um meio. Como homens, estamos também direcionados não só a um meio, mas a um fim que, segundo o autor, é o erotismo, que nos direciona à desordem do êxtase, à continuidade (BATAILLE, *A experiência interior*, 2016a).

O movimento erótico

A relação do homem com o movimento erótico ocorre na tentativa de supressão do abismo que nos separa da continuidade. O erotismo é a maneira que o indivíduo encontrou de abrir uma ferida no mundo imanente e adentrar o estado de continuidade do qual está separado. O erotismo é a



prova da existência do ser porque é, através do erotismo, que a vida do homem se prova até mesmo na morte.

O erotismo pode ser dividido em três movimentos distintos que buscam um mesmo resultado: o erotismo dos corpos, o erotismo do coração e o erotismo sagrado. O erotismo dos corpos visa o mundo material e imediato — o corpo do outro que está diante de mim enquanto objeto: é através das atividades sexuais, da ligação de um corpo no outro que rompemos a imediatividade do mundo, transgredindo a materialidade e chegando à nudez que extasia. O erotismo do coração é de uma dimensão mais íntima: é a ligação com o outro (o amante), a degradação do abismo que nos separa para que ocorra comunicação, na qual perdem-se os limites definidos enquanto há uma ligação mais profunda com o outro. O erotismo sagrado firma-se em decorrência da transgressão humana ao buscar motivos e explicações para o mundo e suas condições. Ele igualmente busca respostas a questões que estão fora do alcance da razão, ao tentar revelar aquilo que transcende nossa realidade conforme uma continuidade pela qual o homem entra diretamente em contato com aquilo que pode ser considerado divino.

Por isso, o resultado desses três movimentos demonstra que o erotismo logo passa a assumir o papel decisivo de abrir uma distância entre a espécie humana e as demais espécies de animais. A união entre o erotismo e a morte abre a possibilidade para que o homem entre em contato com o êxtase. O êxtase é a comunicação que nasce dessa união e, ao mesmo tempo, é a responsável por romper com todos os limites, por transcender as barreiras e aniquilar a ordem racional. O êxtase é o responsável pela comunicação que une o indivíduo com o todo, com a continuidade.

Bataille compreende que o homem se aproxima do êxtase através do movimento erótico e da transgressão dos interditos e na destruição do sujeito e do objeto, inseridos no tempo através do processo de hominização. A nostalgia da continuidade encerrada no homem engendra uma violência que transgride a natureza dos fenômenos na tentativa de adentrar em um estado de puro êxtase, onde o informe e a desordem se fazem presentes.

Essa desordem inserida através das práticas eróticas ocorre através de uma ruptura de um princípio individual que se apodera do homem enquanto movimento que se percebe mais íntimo de si mesmo, ou seja, de sua própria natureza que comunga com o todo. Este contato mais íntimo consigo mesmo, apreendido por meio de uma espécie de embriaguez que ultrapassa o indivíduo, faz com que ele se una a seu estado de natureza e com a imanência do mundo do qual antes fazia parte. Neste estado de desordem, o homem se auto aniquila, perdendo a sua própria identidade.



O erotismo, assim como a morte, é uma potência que ultrapassa o cálculo racional e os interditos criados para a manutenção da subsistência do homem. A ordem estabelecida é suspensa por um estranhamento que detém o curso regular, habitual, das coisas (BATAILLE, 2016a). O erotismo nos perturba, insere em nós um anseio pôr um fim e provoca exasperação que faz frente à razão. O erotismo, em conjunção com a morte, eleva o homem à sua continuidade perdida, à desordem do êxtase.

Referências

- BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. 1. Edição. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016a; _____ . *As lágrimas de Eros*. Lisboa: uma edição etc. – número 12 da série K, 1984; _____ . *O erotismo*. 1. Edição. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013; _____ . *Teoria da religião*. 1. Edição. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016b;
- FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: *Ditos e escritos, vol. III: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009;
- HABERMAS, Jürgen. *Entre o erotismo e a economia geral: Bataille*. In: *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000;
- TEIXEIRA, Rafael Henrique. *Gênese e irresolução de um animal humanizado: aspectos da passagem do animal ao homem em Georges Bataille*. *Dissertatio*, 42, 155 – 181 verão de 2015. Disponível em: <<https://www2.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/42/8.pdf>>. Acesso em 29/ jul. 2022.

Recebido: 12-08-2022

Aceito: 26-12-2022